

28/01-Reses

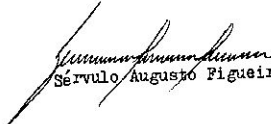
D.15

Exma. Sra.  
Dra. Maura Pacheco  
FINEP

Prezada Senhora:

Conforme entendimento que mantivemos no dia 1º de novembro, envio em anexo algumas informações suscetíveis de facultar uma compreensão mais contextualizada do projeto "Práticas curativas não-médicas".

Atenciosamente,

  
Servulo Augusto Figueira

D. 15  
12

Meu trabalho como psicólogo, técnico e supervisor de uma equipe de psicologia preventiva, durante 1975 e 1977, me levou a ter que fazer face, concretamente, em uma instituição hospitalar pública, a problemas de natureza variada. A formação de profissionais na área de saúde, cada vez mais voltada para a especialização, é insuficiente para lidar com os problemas médicos apresentados por sujeitos provenientes de camadas populares --sujeitos cuja experiência social e cultural é bastante diversa da que possuem tais técnicos, sujeitos que vivem sua doença segundo uma perspectiva também bastante diversa e que recorrem a práticas curativas "estranhas", "erradas" ou a procedimentos terapêuticos que, do ponto de vista da medicina científica, devem ser ativamente combatidos.

Foi basicamente estimulado por essa situação de trabalho que escrevi três artigos, discutindo e elaborando teoricamente essas dificuldades: "Relativização da doença orgânica: diferentes representações sociais (questões para uma psicologia preventiva)", (Infância & Adolescência, 1975); "Notas introdutórias ao estudo das terapêuticas", (Revista da Associação de Psiquiatria e Psicologia da Infância e da Adolescência, 1976); "'Quasi-courtship' revisitada: uma avaliação da análise contextual de Albert Scheflen", (Revista da Associação de Psiquiatria e Psicologia da Infância e da Adolescência, 1977).

Em uma sociedade como a brasileira, para cuja formação sócio-histórica contribuíram populações com características culturais bastante diversas, encontramos procedimentos terapêuticos às vezes muito afastados dos da medicina científica, estudados sob as rubricas "medicina popular", "medicina mágica", "medicina rústica", "medicina paralela" etc. Os pesquisadores que se ocuparam e se ocupam deste tema produziram obras que, tomadas em conjunto, são de difícil classificação, além de frequentemente dispersas em bibliotecas ou em institutos de pesquisa. Por causa da grande extensão territorial brasileira e da dissociação entre os diversos centros de produção cultural, tais obras permanecem em muitos casos desconhecidas por quem quer que, por exemplo no

Rio de Janeiro ou São Paulo, empreenda um trabalho nesta área.

O levantamento bibliográfico que propomos pretende ir além dos levantamentos que habitualmente antecedem as pesquisas que têm por objeto estudos localizados no vasto campo das práticas curativas não-médicas. Além de transcendê-los quantitativamente, pretende também fornecer um "mapa" classificatório de toda a produção deste campo, mapa que deveria permitir um acesso teoricamente orientado a essa bibliografia --o que pode ser contrastado às classificações geralmente ingênuas realizadas pelas bibliotecas.

Quando escrevemos "teoricamente orientado", queremos dizer que tal levantamento bibliográfico não é um trabalho que se restrinja simplesmente ao campo da bibliologia, mas que é presidido por uma discussão teórica do tema. A originalidade de tal discussão é seu grau de generalidade: uma tentativa de obter uma visão de conjunto de tais práticas curativas não-médicas no Brasil e o esforço para pensar uma teoria que dê conta do seu funcionamento e de suas articulações com a medicina científica.